



# GUERRA DE CLASSES

Agosto 2014

## Nem ucraniano nem russo! Vamos desenvolver nosso próprio campo, o terceiro campo, o da revolução social!

*Quando escrevemos há alguns meses em nosso texto, "Preparativos de guerra entre Ucrânia e Rússia – Show ou Realidade?"<sup>1</sup>, que as condições para uma nova guerra estavam maduras na Ucrânia, muitos camaradas expressaram dúvidas ou até mesmo discordâncias com tal afirmação categórica. Agora podemos dizer que o conflito na Ucrânia mudou claramente da fase "fria" para a fase "quente" e que o que estamos testemunhando atualmente no leste do país é a guerra em todas as definições. De Lougansk, na fronteira com a Rússia, a Mariupol, na costa do Mar Negro, duas forças militares competem em confrontos diários ao tentarem ampliar a área sob seu controle, lutam tanto em terra quanto no ar, tanto no campo como nos centros industriais, artilharias bombardeiam vilas, forças aéreas bombardeiam cidades (sob o pretexto de que seu inimigo usa os habitantes como escudos vivos), homens, mulheres e crianças morrem sob as bombas e mísseis... Em quatro meses de conflito armado, mais de 2.000 civis e militares foram mortos e outros 6.000 feridos; 117.000 proletários foram deslocados internamente e outros 730.000 encontraram refúgio na Rússia. No momento em que estávamos a ponto de terminar este artigo, corpos mortos foram espalhados pelas ruas de Donetsk, apanhados em um controle ofensivo do governo.*

*No mesmo texto também escrevemos que a única resposta do proletariado à guerra é organizar e desenvolver o derrotismo revolucionário, ou seja, se recusar a se juntar a um ou outro campo na prática e, ao contrário, construir conexões entre proletários de ambos os lados do conflito através da luta contra ambas as burguesias. Como mesmo neste campo as coisas se desenvolveram, nosso texto merece (três meses após sua publicação) um post-scriptum.*

*Este texto é baseado em informações extraídas de diferentes fontes (que citamos nas notas de rodapé) desde blogs militantes até a mídia oficial. Esta breve descrição dos eventos na Ucrânia exigiu horas e horas de trabalho cuidadoso, pesquisando informações, lendo textos, assistindo vídeos, comparando dados diferentes, etc. Gostaríamos de enfatizar duas coisas: Primeiro, o fato de que os eventos que descrevemos aqui não foram cobertos pela BBC ou Euronews não significa que eles não aconteceram, que nós os inventamos (várias fontes esquerdistas e também a mídia ucraniana e russa os descrevem). Em segundo lugar, é claro que as notícias que recebemos da Ucrânia são caóticas, incompletas e às vezes contraditórias. Isto não significa, no entanto, que devemos desistir de nossa tentativa de entender o que está acontecendo lá. Acreditamos que devemos enfrentar o relato seletivo do Estado com uma posição crítica e radical do movimento anticapitalista; devemos desenvolver e compartilhar informações e análises que vejam o mundo através de um prisma de perspectiva revolucionária.*

A ideologia da guerra (baseada na defesa de um Estado nacional unido de um lado ou no direito a uma autodeterminação e simpatias pró-russos do outro) está se enraizando na Ucrânia, organizações da sociedade civil organizam campanhas de arrecadação de fundos para apoiar o exército, papas abençoam o armamento deste ou daquele lado e a televisão repete cenas de *babushkas* [idosas, na Rússia] fornecendo ao homem armado seu último frasco de compota. Nem todos os proletários, contudo, se deixam sofrer lavagem cerebral com a propaganda de guerra de um ou outro lado, nem todos eles querem se sacrificar "por sua pátria". Expressões de recusa prática de massacres bélicos aparecem sempre em maior número e ambos os lados do conflito têm grandes dificuldades em recrutar nova mão-de-obra para seu massacre mútuo.

Milhares de soldados do exército ucraniano enviados pelo governo nas chamadas operações antiterroristas (ATO) no leste do país, desertaram ou mudaram para o outro lado com todo o equipamento, incluindo tanques e veículos blindados. Como exemplo, a 25ª brigada aérea ucraniana (tropa de elite por excelência), cujos militares foram acusados de "demonstrar covardia" durante os combates em Kramatorsk, foi dissolvida por instrução presidencial em 17 de abril depois de expressar sua recusa de "lutar contra outros ucranianos".<sup>2</sup> Recentemente, 400 soldados da mesma unidade desertaram e fugiram para o lado russo da fronteira depois de terem ficado sob tiroteio intenso e sem munição. Estes soldados, que serão, como a Rússia já anunciou, extraditados para o território ucraniano, declararam que preferem ser acusados de deserção do que continuar matando e sendo mortos na guerra e morrer no fronte oriental. Todos esses desertores dizem que não querem lutar contra "seu próprio povo" e também denunciam as condições desesperadas de vida que têm que enfrentar no exército – salário miserável, comida nojenta ou mesmo nenhuma comida, etc. Outras unidades ainda não foram implantadas no leste por causa de sua falta de confiabilidade. Assim como o ex-presidente Yanukovich não pôde usá-los para reprimir os manifestantes, o governo atual ousa menos ainda enviar ao combate tropas conhecidas por sua lealdade mínima.

Cerca de 1.000 soldados de unidades da região de Volhynia se amotinaram em Mykolayiv em 29 de maio. Os soldados do 3º batalhão da 51ª brigada recusaram-se a ser enviados para o fronte, recusaram as ordens de seus superiores e começaram a descarregar seus equipamentos pesados e outros materiais já preparados para o transporte. Depois de sua unidade ter sofrido grandes perdas durante um confronto com separatistas perto da vila de Volnovakha, eles se comprometeram a voltar para seu quartel permanente em Rivne. Ao invés disso, eles foram movidos do leste para o sul, depois retornaram ao seu local de partida, de modo que se poderia finalmente dizer que continuarão seu treinamento antes de serem enviados de volta para o fronte. "Tendo perdido a confiança em seu General à luz dos acontecimentos mais recentes em Volnovakha e durante o funeral em

Rivne, bem como devido à traição de seus generais, os soldados iniciaram uma rebelião aberta.”<sup>3</sup>

O 2º Batalhão da 51ª Brigada, que estava ao mesmo tempo no quartel de Rivne e testemunhou os funerais dos soldados do 3º Batalhão mortos no tiroteio de Volnovakha, assim como a caótica e enganosa condução das operações, também se amotinou. “Os generais nos diziam ‘vamos para o norte’, depois ‘vamos para o sul’, ao ponto dos soldados estarem prontos para atirar neles. Os generais começaram a usar coletes à prova de balas por medo do *fragging*.” Aproximadamente 1.200 soldados participaram do motim, recusaram-se a ser transferidos para Mykolayiv. “Foi-nos prometido, quando eles foram mobilizados, que ficaríamos de guarda entre a fronteira ucraniana e bielorrussa. Estávamos prontos para isso, mas não para atacar esses pedaços de Donbass.”

Uma rebelião parecida estourou também em Poltava.

Quatro dias depois, após seis soldados da região de Volhynia serem mortos, mães, esposas e pais dos soldados da 51ª brigada bloquearam estradas na região de Volhynia para protestar contra o contínuo deslocamento da unidade em Donbass.<sup>4</sup>

As manifestações e protestos organizados por mulheres e outros parentes de recrutas exigindo o retorno dos soldados para casa ou a interrupção de sua partida para o fronte espalharam-se durante esse tempo para outras regiões da Ucrânia (Bukovina, Lviv, Kherson, Melitopol, Volhynia, etc.). As famílias dos soldados bloquearam as estradas com árvores caídas na região de Lviv no início de junho.<sup>5</sup> Uma manifestação dos pais bloqueou a entrada do escritório de recrutamento militar em Lviv alguns dias depois.<sup>6</sup> Em Iavorivo (região de Lviv), membros de uma família ocuparam um campo de treinamento da 24ª brigada mecanizada e exigiram parar a partida para a linha de frente. Manifestações dos pais em Dnipropetrovsk e Kharkov exigiram o retorno dos soldados às suas regiões de origem. As mulheres Kharkov ocuparam o aeroporto militar local. O escritório local de recrutamento militar em Kherson foi ocupado pelas mães e esposas dos soldados. Elas exigiram o fim da guerra com frases como: “Mulheres contra a guerra”, “Onde os filhos dos oligarcas prestam seu serviço militar?” ou “Nossos filhos não são bucha de canhão”.<sup>7</sup> Em Tchernivtsi, as mulheres bloquearam a rodovia para Khitomir por vários dias e pediram o retorno dos soldados para casa.<sup>8</sup> No dia 24 de junho, os pais montaram um bloqueio de estrada no quilômetro 125 da avenida Kiev-Tchop, carregando faixas dizendo “Devolvam nossos filhos, enviem os filhos dos generais para o Leste”.<sup>9</sup> Em 8 de junho, um grupo de 100 pais de soldados bloqueou as tropas da 3033ª unidade militar baseada em Melitopol, região de Zaporojie. O protesto conseguiu impedir que os soldados fossem enviados para o fronte. Os pais envolvidos no movimento de protesto também questionaram a propaganda estatal que os descreve como “separatistas pró-russos”: “Ontem a notícia dizia que ‘separatistas pró-russos organizaram um bloqueio da unidade militar’, mas não havia nenhuma menção à Rússia no portão de entrada da unidade militar! Não queremos perder o salários de nossa família (...): Donetsk é um massacre e nossos filhos têm 20-21 anos de idade. (...) Vejam, somos mães! Como podem nos chamar de separatistas?”, declarou uma das manifestantes.<sup>10</sup> Mães e esposas de soldados protestaram contra o envio para o fronte, na base militar de Ternopil em 15 de julho.<sup>11</sup>

E esta não é a primeira vez que as famílias dos soldados confrontaram com ações militares. Durante o período em que o resultado acabou sendo a queda do ex-presidente Ianukóvytch, pais e outras pessoas organizaram reuniões em frente ao quartel e discutiram com os soldados para trazer-lhes informações sobre o que estava realmente acontecendo nas ruas e para convencê-los a se recusarem a participar de uma possível repressão contra os manifestantes.

Enquanto isso, novos homens continuam a ser recrutados para o exército. Mesmo que sejam recrutados como parte do serviço militar obrigatório, o governo os faz parecer com voluntários. “Não somos voluntários (...) não queremos matar pessoas (...) não vamos a lugar algum, vamos nos livrar de nossos uniformes e vamos para casa”, proclamaram os conscritos em um comício de protesto em Lviv.<sup>12</sup>

Após a entrada em vigor do decreto presidencial de Porochenko sobre a terceira onda de mobilização das forças militares, em 24 de julho, cuja consequência é o envio de milhares de proletários para a

frente de batalha, eclodiram tumultos em várias localidades da Ucrânia ocidental com uma força maior: na cidade de Voloka, toda a população resistiu ao alistamento de 50 homens. “Eles que começaram, que eles mesmos resolvam seus próprios problemas. Morreremos, mas não daremos nossos filhos. Eles devem entender isso e não vir aqui com ordens de mobilização”, declara um manifestante idoso.<sup>13</sup> Os pais dos soldados bloquearam uma estrada perto da aldeia de Korovia em 25 de julho exigindo o fim da mobilização e que os filhos das autoridades públicas fossem enviados para o fronte. No mesmo dia, uma estrada no distrito de Oboukhivsk’kyi, perto de Kiev, também foi bloqueada pelos parentes dos soldados. Os bloqueios continuaram a partir de 28 de julho em pelo menos 7 localidades da região de Bukovina e a estrada Kiev-Tchop também foi bloqueada, uma vez mais. Durante uma manifestação antiguerra em frente ao escritório do alistamento em Novoselysa, os manifestantes atacaram um membro do conselho municipal que estava tentando falar com eles.<sup>14</sup> Habitantes de muitas localidades da região de Ivano-Frankivsk invadiram o escritório da administração militar local em 22 de julho e acenderam uma fogueira com ordens de mobilização e outros documentos relativos à mobilização. O mesmo evento ocorreu no mesmo dia em Bogoodchany.<sup>15</sup> Em diferentes vilarejos, uma grande quantidade de pessoas incendiou seus documentos de alistamento distribuídos pelo correio. Em Moukatchevo, em Transcarpathie, a situação se agravou a tal ponto que o comando militar local, preocupado que os protestos continuavam, por enquanto, suspendeu a mobilização e prometeu que nenhum dos habitantes locais seria enviado à frente num futuro próximo.<sup>16</sup> Outras mobilizações militantes contra a guerra ocorreram novamente na região de Zaporojite no dia 4 de agosto, bem como em frente ao parlamento em Kiev no dia seguinte.<sup>17</sup>

Kiev, que atualmente não pode contar com seu exército regular, está portanto dependente de exércitos privados de alguns oligarcas e da Guarda Nacional, uma milícia voluntária formada principalmente por nacionalistas do Pravyi Sektor (setor de direita) e do partido Svoboda (Liberdade) durante o movimento de protesto contra Ianukóvytch. As novas unidades da guarda nacional não são formadas principalmente para ações militares, mas sim para reprimir motins e protestos massivos, como foi revelado durante seu desfile em Kiev no final de junho. Por outro lado, centenas de fascistas da Assembleia Nacional de socialistas e patriotas ucranianos já haviam atacado em junho uma manifestação contra a operação antiterrorista que havia acontecido em Kiev.

No entanto, os membros da Guarda Nacional não estão de fora das contradições que abalam as duas frentes. A Radio Free Europe publicou recentemente um vídeo<sup>18</sup> mostrando um soldado da Guarda Nacional reprovando o governo por não poder fornecer comida, água e armas suficientes para os voluntários. “Somos usados como bucha de canhão”, diz ele. As condições materiais chegam até mesmo àqueles que pensam estar ideologicamente acima delas.

Mercenários de todo o mundo também estão lutando no campo de Kiev, contratados pelo governo ou por agências privadas (tropas mercenárias da Polônia, da República Tcheca, da ex-Iugoslávia, mas também da África Equatorial).

O recrutamento de novos combatentes não vai de acordo com as vontades dos senhores de guerra locais nem mesmo no campo separatista. A maioria dos mineiros da região de Donbass ainda se recusa a se juntar a seu lado. Em vez disso, formaram unidades de autodefesa que tomam posição contra os separatistas e as tropas do governo. Uma dessas unidades enfrentou os separatistas e os impediu de explorar uma mina na aldeia de Mikivka. Em Krasnodon, na região de Lougansk, os mineiros organizaram uma greve geral em maio e assumiram o controle da cidade. Eles se recusaram abertamente a se juntar ao campo dos separatistas “anti-Maidan” em Lougansk ou ao campo dos oligarcas do Maidan em Kiev, e em vez disso exigiram um aumento em seus salários e uma suspensão da contratação de mão-de-obra mineira por agências privadas.<sup>19</sup>

Mineiros em seis minas na bacia de Donbass iniciaram uma greve no final de maio para exigir o fim da operação antiterrorista no leste do país e a retirada das tropas.<sup>20</sup> Sua ação foi o resultado de sua própria iniciativa e não foi de forma alguma imposta por homens armados da República Popular de Donetsk, como alguns meios de comunicação

mais tarde afirmaram. De acordo com os grevistas, a guerra prejudica a própria existência das minas e causa desemprego. “Na segunda-feira, 26 de maio, no momento em que o exército ucraniano iniciou o bombardeio das aldeias, os mineiros simplesmente não voltaram ao trabalho, por causa do ‘fator externo’ de hostilidades, acontecendo quase às suas portas, o que aumentou seriamente o risco de acidentes de trabalho. Por exemplo, se uma bomba tivesse atingido a subestação elétrica, os mineiros teriam ficado presos no subsolo, o que inevitavelmente significaria a morte.”<sup>21</sup> A greve foi iniciada por cerca de 150 mineiros da mina Oktyabskiy e se espalhou como uma reação em cadeia para outras em Donetsk (Skochinskiy, Abakumov, “Trudovskaya”, etc.), mas também para minas em outras cidades, em particular Ougledar (“Yuzhnodonbasskaya n°3”). Nas minas onde o proprietário é Rinat Achmetov, o homem mais rico da Ucrânia, dono de um império industrial que controla quase toda a parte oriental do país, os trabalhadores foram forçados a trabalhar, continuaram descendo para as minas, apesar do bombardeio nas proximidades. Por iniciativa dos mineiros da mina Oktyabrsky também (e novamente sem qualquer apoio da República Popular de Donetsk), uma manifestação antiguerra de milhares de participantes foi organizada em 28 de maio.<sup>22</sup> Em 18 de junho, milhares de mineiros manifestaram-se novamente no centro de Donetsk para um fim imediato das operações militares. Os participantes argumentaram que eles não eram separatistas, mas o povo comum de Donbass. Eles também declararam que se o governo de Kiev não respondesse às suas exigências, eles pediriam em armas.

Tanto os separatistas quanto os oligarcas locais pró-Kiev tentam manipular e interpretar essas assembleias caóticas e contraditórias de acordo com seus próprios interesses. Rinat Achmetov, o oligarca de Donetsk, organizou sua própria “greve” por uma Ucrânia unida, enquanto os separatistas tentavam fazer as manifestações dos mineiros parecerem uma expressão da posição pró-russa dos trabalhadores de Donbass.

Apesar dos slogans nacionalistas ou separatistas aparecerem nas manifestações dos mineiros, os trabalhadores não querem se juntar à Milícia Popular de Donbass. Um dos comandantes separatistas, Igor Girkin, reclamou recentemente em público que os locais levaram armas de seu arsenal, mas, em vez de servir às milícias separatistas, as levaram para casa para proteger suas famílias e vilarejos contra ambos os lados do conflito.<sup>23</sup> Os separatistas continuam confiando nas quadrilhas criminosas locais que (após terem sido pagas) lhes permitiram assumir o controle de edifícios públicos, escritórios de polícia, depósitos de armas, estradas principais e da mídia na região de Donetsk e Lougansk. A maioria das forças separatistas são, no entanto, constituídas por mercenários do outro lado da fronteira (russa), em particular os velhos combatentes das guerras na Chechênia.

Se o verdadeiro movimento antiguerra, o movimento do derrotismo revolucionário, deseja sucesso, deve tornar-se não só maciço e difundido, mas também organizado e estruturado. Temos apenas poucas informações sobre as estruturas organizacionais do movimento na Ucrânia. Podemos concluir sobre a existência de certas estruturas a partir dos próprios eventos (manifestações ou greves repetidas por milhares de pessoas não podem ser o resultado de uma explosão espontânea de raiva, da mesma forma que os protestos dos pais dos soldados, como descrevemos acima, exigem um certo nível de coordenação, uma colaboração organizada para o conteúdo e planejamento prático), a existência de outras estruturas formais ou informais é confirmada por informações incompletas que obtivemos do campo. Algumas associações já existentes foram transformadas em quadros de centralização das atividades antiguerra - por exemplo, a Comunidade de Pais da região de Donetsk “Kroha”<sup>24</sup>, que publicou um apelo limitado, contraditório e pacifista à população em 10 de junho: “Nós, os pais da região de Donetsk, chamamos vocês, políticos, figuras públicas e pessoas interessadas. Ajudem-nos a salvar o povo de Slaviansk, Krasnyi Liman, Kramatorsk, detenham as operações militares. Queremos ajudar a fazer as pessoas entenderem a verdade sobre o que está acontecendo nessas aldeias. Após muitas semanas, as pessoas estão vivendo sob ataques incessantes da artilharia. Os civis estão morrendo constantemente. As crianças foram feridas, a morte de três bebês está confirmada. As casas, hospitais, jardins de infância e escolas estão desmoronando. As pessoas, incluindo crianças, vivem

em permanente estado de tensão, escondidas sob o solo por várias horas de ataques que nunca param. (...) Pedimos sua ajuda para salvar a vida dessas pessoas e para deter as ações militares.”<sup>25</sup> Outra associação, as Mães de Donbass, afirma em sua declaração: “Queremos viver. Nós, pessoas comuns, maridos e esposas, pais e filhos, irmãs e irmãos. Nós, civis pacíficos, somos os reféns do conflito em nossa região, as vítimas dos confrontos militares. Estamos cansados do medo e aspiramos à paz. Queremos viver em nossas casas, caminhar nas ruas de nossas cidades, trabalhar nas empresas e organizações de nossa região, e cultivar nossa terra. (...) Nós, as mães de Donbass, insistimos na cessação imediata da operação antiterrorista e das ações militares em nossa região! (...) Estamos certas de que o conflito em nosso país pode ser resolvido pacificamente! Parem a guerra! Evite a morte de crianças! Salve o povo de Donbass.”<sup>26</sup> A Voz de Odessa organizou uma manifestação antiguerra no dia 13 de julho em Odessa. Os participantes gritaram frases como “Somos contra a guerra!”, “Parem a operação antiterrorista no Leste” e “Queremos paz!”. Durante este *flash mob*, foram transmitidas gravações de áudio assustadoras de tiros de artilharia e do impacto sobre civis.<sup>27</sup> Em Kharkov, as associações locais antiguerra (entre outras, o movimento feminino de Kharkov, “Kharkivianka”) organizaram uma manifestação no dia 20 de junho em frente à fábrica de carros VA Malyshev. Esta fábrica recebeu um comando de 400 veículos blindados a serem enviados para ao fronte. As manifestações exigiram o cancelamento do comando e difundiram slogans como “Não à guerra” ou “Pare o massacre sem sentido”.<sup>28</sup>

Durante este tempo, a situação social e econômica em toda a Ucrânia se agravou. A desvalorização da moeda local, o aumento dos preços de produtos básicos, transporte e serviços, bem como a redução da produção em várias empresas, levam a uma queda acentuada dos salários reais, estimada em 30-50%. O governo de Kiev, sob pressão das instituições financeiras internacionais, tem que adotar uma série de medidas de austeridade que irão piorar as condições de vida do proletariado e, ao mesmo tempo, está preparando a maior onda de privatizações em 20 anos. Desde maio, o governo central interrompeu o pagamento de salários aos funcionários públicos, benefícios sociais e pensões nos territórios que não estão sob seu controle, milhares de trabalhadores estão sem renda. A situação nas regiões onde as operações militares estão ocorrendo é ainda pior – o fornecimento de eletricidade e água está cortado, medicamentos e alimentos são escassos.

Os distúrbios sociais causados por esta situação aparecem depois de um tempo. Entre eles, as greves dos mineiros na parte oriental do país e os proletários nas regiões ocidentais também começam a ficar fartos. Os mineiros de Krivoy Rog iniciaram uma greve geral em maio exigindo um aumento de seus salários ao dobro. Eles começaram a organizar milícias armadas de autodefesa. Em sua declaração dirigida aos trabalhadores de toda a Europa, eles descrevem os oligarcas russos e ucranianos, em qualquer campo que sejam (separatistas ou de Kiev), como a principal razão da crise: “Nós lhes pedimos que apoiem nossa luta contra os oligarcas, que provocaram a atual crise na Ucrânia e que prolongam a desestabilização, ameaçando iniciar uma guerra fratricida na Ucrânia que sem dúvida terá consequências catastróficas para toda a Europa”.<sup>29</sup>

Muitas manifestações por “condições de vida dignas”, contra aumentos de preços e por salários e pensões mais altos acontecem em diferentes cidades de todo o país. (Uma série de ações contra o aumento dos preços de hospedagem e tarifas de serviços públicos ocorreu em Kiev no final de junho e em julho. Em 1º de julho, ocorreu uma manifestação contra o aumento de preços em Kharkov. A manifestação mais importante até agora ocorreu em Kiev no dia 24 de julho com slogans como “Redução da renda dos oligarcas, não do povo” e “Não roubar dos cidadãos comuns”. No início de agosto, o último quadro do último quadro do Partido Comunista da Ucrânia foi o “Oligarcas e o povo”.<sup>30</sup>

No início de agosto, o último quadro de combatentes ainda ocupando a Praça Maïdan em Kiev (“porque nada mudou!”) foi atacado por dois batalhões da Guarda Nacional a fim de evacuá-los. Eles agiram sob a ordem do novo prefeito de Kiev, Vitali Klitchko, que provou mais uma vez que a palavra de um político burguês (no início do ano, ele havia pedido aos ocupantes que não evacuassem a praça “enquanto não houvesse uma mudança real na Ucrânia”) compromete apenas

aqueles que acreditam... No entanto, conflitos violentos eclodiram durante a evacuação, que mais uma vez a imprensa burguesa internacional se absteve de mencionar, pois é verdade que o governo de Kiev é um aliado ocidental e “o horror definitivo” só pode ser encarnado pelos separatistas do leste.

A República Popular de Donetsk procura restringir o movimento dos mineiros, que estão mais preocupados com seus interesses materiais do que com qualquer ideologia, jogando com os interesses e exigências dos grevistas aos quais havia prometido a nacionalização dos complexos industriais e os interesses dos oligarcas aos quais havia prometido a inviolabilidade da propriedade privada.

O movimento antiguerra, embora de momento limitado tanto no espaço quanto no conteúdo, desencadeou greves e manifestações operárias organizadas não por uma ideologia, mas pelos interesses materiais do proletariado de ambos os lados, o que confirma o que escrevemos no texto anterior: “[...] o desencadeamento da guerra imperialista (...) não significa necessariamente o colapso definitivo do proletariado. De fato, historicamente, se a guerra significa antes de tudo uma relativa supressão, ela pode então determinar dialeticamente uma retomada das lutas ainda mais forte quando mostra as contradições e a iminente brutalidade do sistema capitalista”.

Contudo, recorrentemente vemos os chamados “revolucionários” defenderem a operação antiterrorista, porque acreditam que ela permitirá um retorno à luta de classes “habitual”. Apesar disso, podemos ler (embora de forma fragmentada e contraditória) as notícias sobre os “anarquistas” ativos nas estruturas administrativas dos separatistas, pois os consideram um mal menor em comparação com o governo de Kiev.

Não apoiamos de forma alguma a guerra e suas atrocidades e estamos cientes de que todo conflito militar significa o agravamento das condições de vida dos proletários. Entretanto, como comunistas, não podemos adotar a tese de que podemos evitar um conflito militar apoiando um campo ou outro em uma guerra. O proletariado não tem interesse em preservar as condições atuais ou passadas de sua miséria. O proletariado não tem pátria a defender. O campo do proletariado em qualquer guerra é a ação unida e intransigente dos proletariados dos dois campos concorrentes contra os dois campos em guerra da burguesia.

#### **A luta contra a guerra significa derrotismo revolucionário!**

**Frente revolucionária proletária contra a burguesia dos dois campos beligerantes!**

**Enfrentemos a guerra com ação direta, sabotagem, greve geral radical e militante!**

**Solidariedade de classe com os revolucionários derrotistas de todos os campos!**

★ Agosto 2014 ★



- <sup>1</sup> <https://www.autistici.org/tridnivalka/war-preparations-between-ukraine-and-russia-show-or-reality/>
- <sup>2</sup> <https://www.thedailybeast.com/the-ukrainian-army-is-crumbling-before-putin/>
- <sup>3</sup> <http://ndilo.com.ua/news/u-viyisku-rozpochavsja-bunt.html>
- <sup>4</sup> <https://www.volynpost.com/news/33715-vijskovi-z-51-oi-brygady-vlashtuvaly-na-mykolaivschyni-bunt/>
- <sup>5</sup> <https://ukraineantifascistsolidarity.wordpress.com/2014/06/02/soldiers-relatives-protests-spreading-in-ukraine/>
- <sup>6</sup> <https://ukraineantifascistsolidarity.wordpress.com/2014/06/04/soldiers-relatives-block-military-recruitment-office-in-lviv/>
- <sup>7</sup> <https://ukraineantifascistsolidarity.wordpress.com/2014/06/11/kherson-soldiers-relatives-picket-military-enlistment-office/>
- <sup>8</sup> <https://ukraineantifascistsolidarity.wordpress.com/2014/06/19/chernivtsi-soldiers-relatives-block-highway-demand-soldiers-brought-back-from-the-east/>
- <sup>9</sup> <http://112.ua/obshchestvo/pod-zhitomirom-semi-voennosluzhaschih-perekryli-dorogu-kyjev-chop-79161.html>
- <sup>10</sup> <https://ukraineantifascistsolidarity.wordpress.com/2014/06/10/soldiers-relatives-block-troops-in-melitopol-from-being-sent-to-the-front/>
- <sup>11</sup> <https://www.youtube.com/embed/hyLIUk6U9yA>
- <sup>12</sup> <https://ukraineantifascistsolidarity.wordpress.com/2014/06/04/soldiers-relatives-block-military-recruitment-office-in-lviv/>
- <sup>13</sup> <http://www.aitrus.info/node/3875/>
- <sup>14</sup> <https://www.youtube.com/embed/0WbCvUoZEQ>
- <sup>15</sup> <https://ukraineantifascistsolidarity.wordpress.com/2014/07/25/riot-in-western-ukraine-against-army-mobilization/>
- <sup>16</sup> <http://www.aitrus.info/node/3875/>
- <sup>17</sup> [http://www.youtube.com/embed/G2qm3\\_c2O-8](http://www.youtube.com/embed/G2qm3_c2O-8) e <http://www.youtube.com/embed/fiRqdLi6fk0>
- <sup>18</sup> <https://www.rferl.org/a/ukraine-national-guard-cannon-fodder/25426820.html>
- <sup>19</sup> <https://internationalviewpoint.org/spip.php?article3395>
- <sup>20</sup> <http://en.itar-tass.com/world/733524/>
- <sup>21</sup> <http://liva.com.ua/miners-war.html>
- <sup>22</sup> <http://www.marxist.com/donetsk-miners-strike.htm>
- <sup>23</sup> <http://observerukraine.net/2014/05/27/petro-poroshenko-the-chocolate-king-walks-onto-a-sticky-wicket/>
- <sup>24</sup> <http://kroha.dn.ua/>
- <sup>25</sup> <https://ukraineantifascistsolidarity.wordpress.com/2014/06/13/mothers-and-parents-organisations-appeal-stop-the-war-save-the-people-of-donbass/>
- <sup>26</sup> <http://brend-archer.livejournal.com/324036.html>
- <sup>27</sup> <https://www.youtube.com/embed/xJFxbGE-8I>
- <sup>28</sup> <http://ukraineantifascistsolidarity.wordpress.com/2014/06/20/kharkov-tank-factory-rally-against-the-anti-terrorist-operation/>
- <sup>29</sup> <http://observerukraine.net/2014/05/12/appeal-of-the-krvivy-rih-basin-miners-to-the-workers-of-europe/>
- <sup>30</sup> <http://www.aitrus.info/node/3870/>